

# A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DO LIVRO PARADIDÁTICO PARA EMANCIPAÇÃO DO ALUNO<sup>1</sup>

Maria Katarina Bezerra Cruz da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Tendo em vista a leitura como sendo a chave principal para o desenvolvimento crítico, social e político do sujeito e ferramenta primeira para o processo de construção do conhecimento não só científico, mas também de mundo, o presente trabalho se volta para reflexões sobre a importância do livro paradidático para a formação leitora e para a emancipação do aluno. Para tanto, traremos um exemplo de como o aluno pode se desenvolver criticamente a partir da leitura de um livro paradidático. Partindo, então, de uma concepção de leitura que ultrapassa a ideia de decifrar códigos e enxergando-a de fato como emancipatória, como uma ação que tem uma função social, fundamentamo-nos concepção interacional da língua, na qual a leitura permite o diálogo entre o leitor e o autor do texto, considerando contextos que transpassam as linhas do texto. Nesse sentido, voltamo-nos aos estudos de autores como Paulo Freire(2010,2005,1996,1983,1983,1989), Lev Vygotsky(1988), Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias(2006), Magda Soares(1998) dentre outros e, após levantamento bibliográfico, partimos para a análise de um livro paradidático “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, aqui pensado para o trabalho com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, reconhecendo elementos que confirmam a importância da leitura e da escrita como um ato social que contribui diretamente para a formação pessoal e crítica dos sujeitos, apontando para práticas sociais de leitura com livros paradidáticos que sejam emancipatórias e libertadoras.

**Palavras-chave:** Livro paradidático Leitura; ato social; sujeito; emancipatória;.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Hérica Karina Cavalcanti de Lima, no primeiro semestre de 2023.

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol, pela UFRPE.

**RESUMEN:** Teniendo en cuenta la lectura como la clave principal para el desarrollo crítico, social y político del sujeto y la primera herramienta para el proceso de construcción no sólo del conocimiento científico, sino también del mundo, el presente trabajo se dirige a reflexiones sobre la importancia de la Libro paradidáctico para la formación lectora y la emancipación estudiantil. Para ello, traeremos un ejemplo de cómo el alumno puede desarrollarse críticamente a partir de la lectura de un libro paradidáctico. Partiendo, entonces, de una concepción de la lectura que va más allá de la idea de descifrar códigos y viéndola en realidad como emancipadora, como una acción que tiene una función social, nos basamos en la concepción interaccional del lenguaje, en la que la lectura permite diálogo entre el lector y el autor del texto, considerando contextos que cruzan las líneas del texto. En este sentido, recurrimos a los estudios de autores como Paulo Freire(2010,2005,1996,1983,1983,1989), Lev Vygotsky(1988), Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias(2006), Magda Soares(1998 ) entre otros y, luego de un levantamiento bibliográfico, nos propusimos analizar un libro paradidáctico “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, aquí diseñado para trabajar con estudiantes de 6to año de la Enseñanza Fundamental, reconociendo elementos que confirman la importancia de la lectura y de la escritura como acto social que contribuye directamente a la formación personal y crítica de los sujetos, apuntando a prácticas sociales de lectura con libros paradidácticos, emancipadores y liberadores.

**Palabras clave:** Lectura; Social; sujeto; emancipación; libro paradidáctico

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos em leitura, no ato de ler, logo nos referimos a uma das falas que mais ouvimos quando éramos crianças: “precisamos juntar as letrinhas, aprender o som delas, formar palavras e emitir o som de todas essas palavras juntas que estamos vendo ali no papel”. Em termos acadêmicos, temos que desvendar o código de determinado signo e entender seu significado, ou seja, precisamos nos apropriar do sistema de escrita alfabética. Mas sabemos que ler não é somente desvendar códigos. Assim, quais são os significados do que lemos e como poderíamos entendê-los? E o que o ato de ler pode, de fato, acrescentar em nossas vidas enquanto sujeitos sociais?

Partindo dessas questões, realizamos este trabalho que tem o fim de refletir sobre a leitura como um instrumento de mudança social, pois, quando aprendemos a ler, não estamos só decodificando signos, mas também ampliando nossa visão de mundo e fazendo leituras emancipatórias sobre ele. Para tanto, neste trabalho, também vamos discutir a ideia de “emancipação”, de modo a entender como o nosso aluno pode se tornar um sujeito emancipado através da leitura e, assim, contribuir de forma cada vez mais ativa tanto dentro da sala de aula como no meio em que vive.

Nesse sentido, partimos das concepções de leitura como emancipação, defendida por Paulo Freire (1989), e de leitura como interação, defendidas por Koch e Elias (2008), na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos dentro do texto, considerando o próprio lugar de interação (KOCH; ELIAS, 2008).

Este trabalho se justifica pela necessidade de voltarmos nosso olhar para a importância de práticas de leitura do livro paradidático que tenha esse caráter interacional e emancipador. Por isso, de modo mais específico, objetivamos analisar um livro paradidático, considerando seu papel na construção de uma leitura interativa que colabore para a emancipação do sujeito. Para tanto, escolhemos como objeto de análise o livro paradidático “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, que se volta para a importância da escola na formação do sujeito e da leitura e da escrita como práticas sociais.

Este estudo está organizado da seguinte forma: inicialmente, teremos algumas reflexões sobre leitura trazendo alguns conhecimentos prévios necessários, em um segundo momento, o estudo se debruça sobre o que seria emancipação e como ela acontece em sala de aula, em seguida, é apresentada as concepções de leitura no qual é embasado este estudo. A

leitura como ato social também vem em destaque no item 2.3, seguida da reflexão sobre os livros paradidáticos no item 3. Nos itens 4 e 5 é trazido o percurso metodológico deste trabalho que é uma análise sobre o livro “De carta em carta” de Ana Maria Machado, respectivamente.

Esperamos, com este trabalho, colaborar para que o nosso aluno passe pelo processo de construção da leitura de forma genuína, entendendo-a como ato social, libertador e emancipatório

## **2. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A LEITURA**

Segundo Vygotsky (1988), os seres humanos são capazes de organizar e compreender instrumentos e sistemas de signos, cujo uso lhes permite transformar e conhecer o mundo, comunicar suas experiências e desenvolver novas funções psicológicas. Diferentemente dos animais, sujeitos aos mecanismos instintivos de adaptação, os seres humanos criam e interagem por meio de códigos e dos seus significados. A leitura, que não se limita à decifração de códigos, relaciona-se com mecanismos físicos, cognitivos, sociais e culturais que fazem os sujeitos compreenderem esse mundo que os cerca e do qual fazem parte.

Mário de Andrade, reconhecido autor da literatura brasileira, afirma que “quem mal lê, mal ouve e mal fala e mal vê” (ANDRADE, 1928), elevando o patamar da leitura como algo essencial ao sujeito. E isso pode ser confirmado: a leitura não está somente ligada às palavras escritas, mas também à leitura que fazemos do mundo (FREIRE, 1982). Ao lerem, os sujeitos ampliam sua possibilidade de “ser” e “estar” no mundo, abrindo uma porta gigantesca para se tornarem sujeitos ativos socialmente. Para Freire (1997), o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, uma vez que a leitura reflexiva e crítica permite ao leitor ir além das marcas linguísticas. O autor refere-se, portanto, à leitura do que está pressuposto ao que está escrito. Enxergar para além das palavras está ligado à transgressão de pensamento, o que nos faz ir, de fato, além das linhas do texto.

O ato de ler, então, nos emancipa enquanto sujeitos e nos abre a realidades que, muitas vezes, não conseguimos enxergar, realidades nas quais estamos inseridos todos os dias, mas somos impedidos ou nos vemos impossibilitados de mudar por algum motivo.

## 2.1 EMANCIPAÇÃO E LEITURA EM SALA DE AULA

É sabida a extrema importância de professores prepararem suas aulas pensando em como seu aluno aprende e no que é interessante para ele. E, refletindo um pouco sobre isso, entendemos o papel dos livros não só como leitura obrigatória, mas também como algo que vai contribuir para o processo de emancipação desse aluno para além dos muros da escola.

Entendemos, como Freire (1987), que a emancipação é aceitar que o homem é um ser social e que este se dirige a uma autonomia através dos diálogos, que constituem a essência de uma prática educacional problematizadora, pois o diálogo proporciona a aproximação. Portanto, “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p. 90).

Ao falarmos de Freire (1982) em relação à emancipação, não podemos deixar de citar sua grande obra “Pedagogia do oprimido”, em que ele traz a educação como sendo um ato político, através do qual se pode construir uma prática (pedagógica) libertadora. A esse propósito, o educador ainda acrescenta que a educação se caracteriza como um dos principais instrumentos para a ética e a consciencialização, “ou seja, emancipar o sujeito é libertá-lo da opressão e dominação de classe” (OLIVEIRA & PROENÇA, 2016, p.91):

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador (FREIRE, 2010, p. 33).

Em Freire, a emancipação deixa de ser apenas uma filosofia e torna-se uma responsabilidade social e educacional direcionada para as práticas pedagógicas. Ele traz, então, um novo significado para a palavra humanização. Freire deixa uma proposta de uma outra forma de olhar para o conhecimento quando afirma que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades (FREIRE, 1974). Portanto, Freire pensa que uma educação fomentadora, com base no conhecimento e na ética, possibilita a emancipação:

Paulo Freire, portanto, elabora um pensamento que fundamenta uma educação para a emancipação, reconhecendo a autonomia do sujeito racional, que tem conhecimento e liberdade, e que coletivamente, sem negar os saberes construídos na experiência, pode romper com a estrutura social opressora e construir uma sociedade emancipada. O que diferencia a pedagogia de Paulo Freire da proposta de esclarecimento de Immanuel Kant é justamente o reconhecimento de que não basta fundamentar filosoficamente que o ser humano é inacabado e por isso deve buscar sua emancipação, mas também ter presente que esta emancipação não ocorre

espontaneamente, que o sujeito racional e autônomo do iluminismo precisa ser construído, que suas estruturas morais e cognitivas não estão prontas, ele precisa de educação que lhe dê espaço para sua autoconstrução. Portanto, a emancipação depende de uma teoria da ação, que é a ação dialógica que Paulo Freire propõe com alternativa, não somente para a educação, mas para toda a sociedade, no intuito de construir o ser humano, respeitando o outro e superando as estruturas de opressão (AMBROSINI, 2012, p. 389).

A sala de aula, assim, será sempre nosso ambiente para, enquanto professores, pormos em prática o que aprendemos um dia e a forma como construímos os conhecimentos junto aos nossos alunos:

as práticas sociais que fazem parte do cotidiano do aluno, adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados; planejar ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita, e como o aluno poderá utilizá-la em diferentes contextos; desenvolver no aluno, através da leitura a interpretação e produção de diferentes gêneros textuais, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade; incentivar o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita, de forma criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa, já que a linguagem é interação e, como tal, requer a participação transformadora dos sujeitos sociais que a utilizam; reconhecimento por parte do professor, implicando assim o conhecimento daquilo que o educando já possui de conhecimento empírico, e respeitar, acima de tudo, esse conhecimento; não ser julgativo, mas desenvolver uma metodologia avaliativa com certa sensibilidade, atendo-se para a pluralidade de vozes, a variedade de discursos e linguagem diferente; avaliar de forma individual, levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo; trabalhar a percepção de seu próprio valor e promover a autoestima e a alegria de conviver e cooperar; ativar mais seu intelecto, no ambiente de aprendizagem, ser professor-aprendiz, tanto quanto seus educandos; reconhecer a importância do letramento, e abandonar os métodos de aprendizado repetitivo, baseados na descontextualização” (RUBIO E JUSTO, 2013, p. 14).

Com isso, nós professores, precisamos criar ambientes aos quais esses alunos se sintam cada vez mais pertencentes, procurando integrá-los de forma que, quando ele sair daquela aula, não tenha apenas dominado o conteúdo, mas também saiba que esse conteúdo contribuiu e vai contribuir de forma ímpar para a sua aprendizagem.

## **2.2 CONCEPÇÕES DE LEITURA**

Quando falamos em leitura, sabemos que estamos tratando de um dos bens mais preciosos e importantes dentro de uma sala de aula. Formar leitores é uma tarefa diária e árdua que todos os professores têm diariamente, seja ele de qualquer disciplina. A leitura à qual devemos nos referir e nos debruçar não é aquela em que se decodificam os códigos, mas uma leitura que engloba vivências, leituras do mundo que nos cercam e que impulsionam os sujeitos a saírem da zona de conforto.

Essa relação de leitores com o meio que o cerca é fundamental para construção de conhecimentos não só científicos, mas também para a expansão do pensamento do sujeito, como já foi mencionado. A leitura precisa ser uma ponte direta que nos leve a pensar para além das páginas dos livros, socializando cada vez mais nossas ações e objetivos. Se, cada vez que fizermos uma leitura, essa leitura nos impulsionar para uma tomada de decisão ativa, estaremos no processo certo de aprendizagem. E uma das chaves para esse processo é justamente a interação.

A interação entre autor-leitor-texto será sempre o nosso ponto de partida para compreendermos o processo de construção de sentidos na leitura. Koch e Elias (2008) trazem uma série de discussões em que podemos entender essa concepção de forma prática em nossas vidas. Uma delas é a concepção do texto com o foco na interação. Para elas,

Na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente - se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar no texto para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH E ELIAS, 2008)

A partir desse pensamento podemos refletir que o processo de assimilação da leitura precisa que o autor, o leitor e o texto trabalhem de forma coletiva para um produto final. Não temos como dissociar esses elementos e trabalhá-los de forma única, pois a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presente na superfície textual e na forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2008).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa reforçam ainda mais essa concepção de leitura como produção de sentidos:

A leitura é um processo no qual leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar nos textos suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69-70)

Com isso, podemos perceber que a melhor forma de formarmos leitores é fazendo com que nosso aluno perceba cada vez mais a interação entre o que está escrito (texto), quem escreveu (o autor) e ele mesmo (o leitor), como esses três elementos podem de fato contribuir para que aquela leitura se potencialize para fazê-lo mudar de visão sobre muitas perspectivas de vida que até então não tinha percebido.

Em um processo de letramento em sala de aula, por exemplo, o aluno será sempre nosso maior aliado e nosso maior desafio. Ele será nosso aliado, pois será o sujeito leitor que precisaremos formar, leitor esse que precisará ter ciência de que tipo de leitura estará fazendo dentro de sala de aula. Essa leitura deve romper as barreiras conteudistas e trazer para sua vida vivências culturais, sociais e políticas que jamais foram vistas ou presenciadas, ou até foram, mas até o momento da “virada de chave” não se tinha percebido ainda.

Esse sujeito (aluno) também será nosso maior desafio, porque, para sermos bons professores formadores, precisamos ter bons leitores para compreendermos nossas vivências com o que nos cerca, com o contexto que nos levou a sermos quem estamos nos propondo a ser etc. e quais leituras nos levaram a chegarmos aonde chegamos.

Quando se trata de sala de aula, a leitura é basilar. Dentro da classe, cada aluno é um mundo. Os professores são os principais incentivadores desse desenvolvimento e, para isso, precisam estar atentos ao que este aluno já traz de bagagem sobre determinados assuntos. E quando nos referimos a esse assunto não falamos só de conteúdo programático, mas de vivências também.

Para que se consiga desenvolver bem o processo de leitura em sala de aula, precisamos de estratégias, pois, do leitor, espera-se que processe, critique, contradiga ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê. (SOLÉ, 2013).

Solé ainda nos traz uma série de estratégias que devemos utilizar para o bom desenvolvimento da leitura. São elas: 1) Compreender as finalidades implícitas e explícitas do texto; 2) Ativar conhecimentos prévios; 3) Elaborar inferências, levantando hipóteses e fazendo interpretações; 4) Selecionar o essencial e relevante à compreensão; 5) Identificar a consistência interna do conteúdo expresso, comparando com conhecimentos extratextuais.

Muitas vezes é notório, em sala de aula, a escassez de leitura no cotidiano dos alunos, e é principalmente nas atividades de escrita que identificamos como foram construídos esses processos. A falta de vocabulário, o mal uso da linguagem formal, regras básicas gramaticais, dentre outras coisas, são barreiras recorrentes que identificamos como relacionadas à falta do hábito de leitura desses alunos.



Para começarmos a mudar esse cenário, é necessário que pensemos no processo que a leitura percorre até chegarmos nesse embate de leitura x escrita. Antes de refletir sobre essa dualidade, é importante pensar no caminho para chegar até lá. Um deles é o objetivo das leituras realizadas. Segundo Koch e Elias, se vamos tratar a leitura com base na interação não podemos esquecer que a interação do conteúdo do texto com o leitor é regulada pela intenção com que lemos o texto. Para elas, quando lemos, ativamos conhecimentos diversos, como conhecimentos linguísticos, textuais e de mundo, como estamos discutindo neste trabalho

Assim, em sala de aula, é importante observar o que chama a atenção do aluno para que ele se interesse pela leitura, quais elementos devemos utilizar para que ele de fato se integre nesse processo e entenda que aquilo que ele está lendo não vai ajudá-lo apenas a melhorar em um quesito específico, mas que vai ser, a partir da leitura daquele livro, jornal, revista, que ele vai refletir muito mais além sobre as coisas, como salienta Freire:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p.13)

Como já estamos discutindo, o ato de ler rompe as barreiras de uma decodificação de signos e contribui diretamente para ampliação da visão de mundo do sujeito. Então, em sala de aula, podemos observar, através das atividades dos nossos alunos, que eles estão com déficits que provêm da falta de uma leitura emancipatória.

Pesquisas nos mostram diariamente como cada vez mais a nossa educação vem enfrentando dificuldades por falta de incentivo e até mesmo de políticas públicas para melhoria da leitura no Brasil. Pesquisas recentes constatam que nosso país pode levar até 76 anos para adequar o nível de leitura de todos os estudantes e outra pesquisa aponta que estudantes, na faixa etária dos 15 anos, não têm domínio satisfatório em leitura. Com isso podemos definir que temos um grande problema a ser vencido e que devemos nos atentar a isso de forma urgente. Precisamos nos preocupar com o modo como podemos trabalhar de forma ativa para intervir nessa realidade, repensando e adequando nossas concepções de língua, do texto e de leitura; reconhecendo que ler não é somente um ato educativo, mas também político e transformador; elaborando e trabalhando questões que explorem diferentes níveis de compreensão; conhecendo os documentos oficiais e os materiais

didáticos e ser um leitor/usuário crítico deles e entendendo que ler é ativar conhecimentos de diversas naturezas. Com isso, podemos transformar nossa didática de ensino da leitura de maneira muito mais eficaz e produtiva dentro de nossas salas de aula.

### **2.3 LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL**

A leitura é uma das portas de entrada para as interpretações do mundo, é através dela que nos soltamos das amarras de uma estrutura que, muitas vezes, a escrita nos coloca e conseguimos construir o que de fato se quer dizer no sentido mais amplo que se pode explicar. Mas essa leitura precisa ser feita de forma que esses sentidos sejam construídos, não podendo ser concebida de forma mecânica. O leitor precisa buscar algo quando ler, precisa estar comprometido com o que o texto diz e com os sentidos que constrói a partir dele.

Para Vygotsky (1998), o leitor que apenas aprende a grafar as letras e codificar palavras ainda não consegue atribuir sentidos ao texto. Portanto, não se apropriou da leitura, pois a transformação da palavra escrita não passa de uma atividade mecânica de decodificação de símbolos, visto que não promove necessariamente a reflexão, não desenvolve o senso crítico. E é aí que entra o papel da escola.

A escola precisa promover, através das práticas de letramentos, possibilidades de o aluno realizar uma leitura comprometida com a apropriação do sistema de escrita alfabética e com a construção do seu conhecimento sobre o mundo. Ele precisa saber o que de fato está lendo, com que finalidades lê e o que procura naquela leitura que possa contribuir diretamente com o seu processo de aprendizagem.

Não temos como alfabetizar, promover o ensino da leitura, sem estarmos atentos ao compromisso social que essa prática pedagógica tem. Aprender a ler e a escrever não deve garantir apenas a aquisição do SEA, mas também a formação leitora, porque o aluno precisa entender que o meio que o circunda, suas experiências também fazem parte do seu processo de aprendizagem. Se, a partir da leitura proposta, ele consegue ter clareza dos fatos ao seu redor, é capaz de argumentar e/ou criar argumentos para situações, sendo mais crítico e tomando propriedade do que se fala, assim, de fato a leitura está cumprindo seu papel.

Freire, em uma entrevista ao Professor Ezequiel Teodoro da Silva, em um congresso sobre a importância do ato de ler, ressaltou: “Eu não leio para me formar, eu me formo também lendo”. Essa afirmação de Freire fala muito sobre como devemos pensar o processo de ensino da leitura para que nossos alunos, os sujeitos que estamos formando, de fato consigam compreender o processo de leitura de forma genuína e na sua totalidade, entendendo aquilo que estamos discutindo desde o início deste estudo: o poder da leitura

como ferramenta social, não só para a construção do conhecimento, mas também para uma emancipação pessoal enquanto sujeitos.

### **3. A LEITURA DE LIVROS PARADIDÁTICOS**

Os livros didáticos são comumente utilizados como principal instrumento de leitura na sala de aula e tem sido fundamental a presença dele em escolas do nosso país, sobretudo por não haver tanta disponibilidade de outros recursos didáticos à disposição de alunos e professores. Esses livros representam uma grande parte dos livros produzidos no Brasil, sustentando as editoras que sobrevivem muito mais das suas vendas do que da venda de outros livros, como os paradidáticos, literários etc.

Mas mudanças nas edições mais recentes do PNLD incluíram módulos de livros de literatura e informativos – os paradidáticos -, o que permitiu uma adequação da oferta de títulos às propostas pedagógicas em curso nas escolas, além do atendimento às necessidades dos professores da rede pública estadual, que preferem trabalhar com textos diversificados .

A adoção de políticas culturais como essa colabora com a popularização da literatura, muitas vezes acessada apenas por uma classe exclusiva de leitores/educandos, e ajuda a democratizar todo o processo de construção da leitura e de conhecimentos, aproximando cada vez mais os alunos do seu meio. Ações como essas partem do entendimento de que os livros paradidáticos representam um importante suporte educacional para o organismo do ensino, auxiliando as práticas e metodologias do processo de ensino-aprendizagem da leitura.

Mas muitos desses livros paradidáticos, às vezes, perdem sua real função na escola, seja por explorarem demais concepções que não vão de fato fazer com que aquele aluno transcenda em relação tanto ao conteúdo quanto à aprendizagem, seja por terem seu papel reduzido ao preenchimento de fichas e atividades avaliativas

Nogueira (2015), em sua dissertação sobre livros paradidáticos, defende que o ser humano atua como um agente transformador em seu contexto.

Seguindo essa linha, a autora também traz a importância desse recurso não apenas para a disciplina de Língua Portuguesa, mas também para outras disciplinas, de modo que os professores utilizem esse recurso metodológico considerando a potencialidade da obra e relacionando-a com seus assuntos correspondentes.

Em diálogo com Nogueira, Santos (2015) também considera que as obras paradidáticas são formadoras de cultura e referenciais escritos a compor os registros históricos do país, motivo pelo qual se apropriou da metodologia do seu uso para resgatar a tradição

quilombola. Tais práticas colaboram para o que Freire (1996) define como processo criador idealizado pelo estudante.

O trabalho com os livros paradidáticos deve motivar a leitura, o que consiste em romper as fronteiras que delimitam a visão de mundo do educando a fim de que este tenha a possibilidade de se posicionar, de forma crítica e reflexiva, sobre as adversidades que o rodeiam.

Torres (2013, p. 37) define os livros paradidáticos como:

[...] materiais muito eficientes do ponto de vista pedagógico, pois utilizam aspectos mais lúdicos que os livros didáticos. Recebem esse nome porque são adotados de forma paralela aos materiais convencionais, sem que ocorra a substituição dos livros didáticos.

Os livros paradidáticos são um importantíssimo aporte pedagógico dentro do processo de ensino, pois é a partir de determinadas obras e determinados recursos que os alunos vão desenvolver muito mais a fundo seu lado cultural, crítico e até mesmo lúdico a partir de suas assimilações sobre o conteúdo do livro didático.

A leitura dessas obras pode favorecer a emancipação do aluno de forma que o mesmo passe a perceber que o meio em que ele está inserido também está dentro da escola e de sua sala de aula e que ele é sujeito do seu processo de aprendizagem. Esses livros são aliados na formação para os letramentos, o que, mais uma vez, reforça seu caráter emancipatório. Nesse sentido, entendemos letramento como Soares (2009):

letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (2009, p. 72)

Sabendo, então, da importância do trabalho com a leitura de livros paradidáticos, vamos analisar o livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, que pode ser trabalhado com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e que pode render reflexões importantes sobre letramento e favorecer a emancipação do sujeito leitor.

#### **4. PERCURSO METODOLÓGICO**

Este estudo, de caráter qualitativo, tem como objetivo refletir sobre a importância da leitura como prática social e emancipadora. Para tanto, voltamo-nos à análise de um livro

paradidático, de modo a destacar suas contribuições na construção de uma leitura interativa e emancipatória.

Para alcançar tal objetivo, escolhemos como objeto de análise o livro paradidático “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, que, a partir de uma história entre avô e neto, perpassada por um escrevedor de cartas, volta-se para a importância da escola na formação do sujeito e para o papel da leitura e da escrita como práticas sociais.

O livro “De carta em carta” é uma publicação da Editora Salamandra, possui 31 páginas e tem ilustração de Nelson Cruz. Essa obra foi escolhida pelo fato de contar uma história que pode atestar como são necessárias as práticas de leitura e de escrita para alcance dos nossos objetivos sociais. Nesse sentido, torna-se interessante conhecer um pouco do contexto que deu origem à produção e à publicação deste livro.

Em meados dos anos 80, Ana Maria Machado, importante escritora de literatura infantojuvenil no Brasil, visitou o México e ficou fascinada pela quantidade de escrevedores que estavam trabalhando na praça Zócalo – a maior praça da cidade – para escrever cartas. Imediatamente pensou que daquela cena poderia sair uma “baita história” se ela resolvesse contar sobre o trabalho daquelas pessoas que se alugavam para escrever, e logo percebeu que, se escrevesse algo que retratasse a vida de um avô e um neto, ambos analfabetos e nas duas pontas da vida (infância e velhice), poderia ser bastante interessante. Mas, por vários motivos e situações, a autora deixou essa ideia cair no esquecimento e não deu sequência à história que imaginou fazer.

No entanto, as coincidências para que ela realizasse esse desejo não pararam de acontecer, mesmo tendo, a autora, desistido da história a princípio. Nos anos 2000, em uma viagem à Colômbia, o destino a colocou frente a frente com aquilo que ela estava se negando fazer 20 anos. Em Cartagena, sobre as arcadas da praça Bolívar, encontravam-se mais uma vez os escrevedores de cartas, alugando seus serviços às pessoas da cidade. A partir daí, a Machado resolveu voltar-se à escrita da história deixada na gaveta do seu pensamento há tanto tempo.

É essa história de avô, neto e escrevedores de cartas que analisaremos a seguir, com foco no papel social que essa leitura pode provocar no aluno leitor.

## **5. “DE CARTA EM CARTA”: UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO PARADIDÁTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR E NA IDEIA DA LEITURA COMO EMANCIPAÇÃO**

O livro paradidático pode ser nosso grande aliado no processo de ensino-aprendizagem e de emancipação do sujeito em sala de aula. Muitas vezes, é através dele que conseguimos construir com nosso aluno reflexões sobre conteúdos dos quais não haveria uma assimilação se fosse ensinado de forma mais tradicional. Mas precisamos deixar claro que, mesmo utilizando os paradidáticos, muitos docentes ainda reverberam metodologias engessadas, as quais precisam sempre ser repensadas para se adequar de fato a uma práxis crítica e emancipatória.

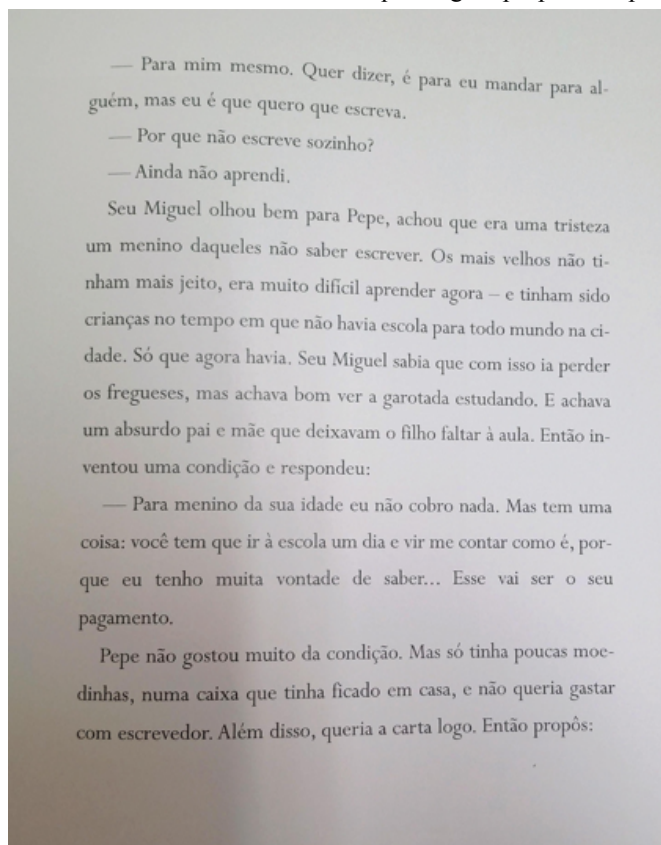
Mas o que chama mais atenção dentro de uma metodologia de leitura emancipatória com os livros paradidáticos é como eles mostram aos alunos como coisas que acontecem e estão ao nosso redor podem nos ensinar lições que jamais imaginamos. O livro “De carta em carta” é um exemplo disso.

Esse livro conta a história de um avô e um neto analfabetos, chamados José e Pepe, respectivamente. Ambos eram igualmente teimosos e, um dia, se desentenderam, até que Pepe resolveu mandar uma carta para seu avô, dizendo tudo o que pensava sobre ele. Ele resolveu fazer isso por carta, pois, se fizesse frente a frente, geraria uma briga e, certamente, ficaria de castigo. Mas como mandaria tais palavras para seu avô se não sabia escrever?

Como não sabia escrever, pediu ajuda a um dos escrevedores que ficavam na praça da sua cidade prestando tal serviço à população. O escrevedor em questão se chamava Miguel. O avô recebeu a carta de Pepe, escrita por Miguel, mas, como também não sabia ler e escrever, recorreu a um escrevedor da praça, que, por coincidência, também foi o senhor Miguel. Quando Miguel leu e foi redigir a carta de resposta, já sabia do que se tratava e mudou algumas palavras, a fim de apaziguar a situação entre avô e neto. Eles continuaram trocando cartas e a relação entre avô e neto melhorou bastante. Essas trocas levaram Pepe a fazer várias descobertas quando começou a observar e refletir sobre a vida e as necessidades dos idosos, sobre as transformações e ciclos naturais da vida do seu avô.

O livro perpassa por várias situações, caminhando por cenários que levantam discussões importantíssimas. O primeiro ponto para o qual podemos chamar atenção é que, no meio desse (des)acerto entre avô e neto, Miguel descobriu que Pepe não ia à escola regularmente e que, por isso, ele não aprendia a ler nem a escrever. Então o escrevedor propôs a Pepe que só iria continuar escrevendo as cartas que ele queria se o garoto fosse todos os dias à escola e, na volta, passasse na praça e lhe contasse como foi e o que aprendeu naquele dia, como podemos ver na Figura 1:

**Figura 1**— Trecho do livro “De carta em carta” em que Miguel propõe a Pepe que vá à escola



Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.11

Aqui podemos perceber que Miguel ficou preocupado com o fato de o menino não estar indo para a escola regularmente e, por isso, ainda não sabe escrever. Ele pontua que, se ele fosse uma pessoa mais velha, até se entenderia, porque, muitas vezes, por motivos de distância da escola em relação a casa e/ou por motivos de trabalho, não podiam frequentar a escola. Mas, como Pepe já vivia em um momento em que a escola já era um ambiente mais acessível, era inadmissível ele não estar nela.

Nesse momento dois pontos nos chamam a atenção: i) a evasão escolar: muitas vezes, as crianças são submetidas a abandonar a escola por terem que ajudar em casa; ii) a visão de alguns pais de acharem correta a ideia de que a criança ficaria melhor em casa, aos cuidados do avô, do que na escola, não levando em consideração que é a escola o ambiente em que ela vai não só aprender conteúdos, mas também vai aprender a se socializar, a desenvolver o senso crítico, dentre outras coisas. Residia nisso também o interesse de Miguel para que o menino fosse à escola. Sem que se desse conta, Miguel queria fazer com que Pepe aprendesse

e começasse a gostar da escola tal como deveria ser.

Muitos pensadores da educação destacam o papel da escola com a prerrogativa principal em ser o ambiente no qual indivíduo vai exercer o processo de interação tanto para com o outro, tanto para com o meio.

Jean Piaget (1932), por exemplo, acreditava que a escola deveria ser um espaço para a promoção do desenvolvimento cognitivo e moral das crianças, com base em suas necessidades e estágios de desenvolvimento. Esse estudioso desenvolveu a teoria construtivista, que enfatiza a importância da interação entre os alunos e o ambiente para a construção do conhecimento.

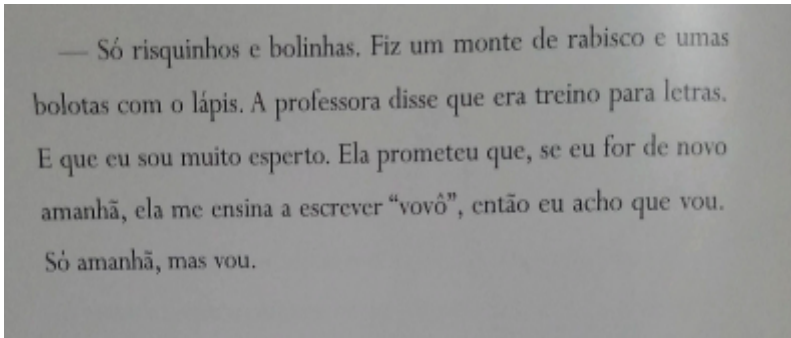
Lev Vygotsky (1934), outro importante teórico da educação, destacou a importância da escola como um espaço para a promoção do desenvolvimento sócio-cultural dos indivíduos. Ele acreditava que a aprendizagem é um processo social, em que os alunos aprendem através da interação com outros indivíduos mais experientes, como professores e colegas.

Paulo Freire (1968), por sua vez, defendia a escola como um espaço fundamental para a conscientização e a ação dos indivíduos na transformação da realidade social em que vivem. Ele acreditava que a educação não deveria ser apenas uma transmissão passiva de conhecimentos, mas um processo dialógico e crítico, em que os alunos e professores compartilham suas experiências e conhecimentos para criar um aprendizado significativo.

O que podemos observar é que todos os pensadores discutem o local da escola como o primeiro ambiente de emancipação do sujeito, pois vai ser nele que o sujeito terá espaço de fala, de discussão e, principalmente, de ação diante dos conhecimentos construídos, e das ideias e afins com as quais tiver contato.

Mais adiante, na história, em uma das situações em que Pepe pede para Miguel escrever para o seu avô, o menino destacou a Miguel que o bilhete a ser feito deveria ser curto e que, no dia seguinte, ele iria à escola para realizar o pagamento ao escrevedor, conforme havia proposto. O escrevedor perguntou ao menino o que ele tinha aprendido na aula anterior e ele respondeu:

**Figura 2** — Trecho do livro em que Pepe conta a Seu Miguel o que aprendeu na escola.



— Só risquinhos e bolinhas. Fiz um monte de rabisco e umas bolotas com o lápis. A professora disse que era treino para letras. E que eu sou muito esperto. Ela prometeu que, se eu for de novo amanhã, ela me ensina a escrever “vovô”, então eu acho que vou. Só amanhã, mas vou.

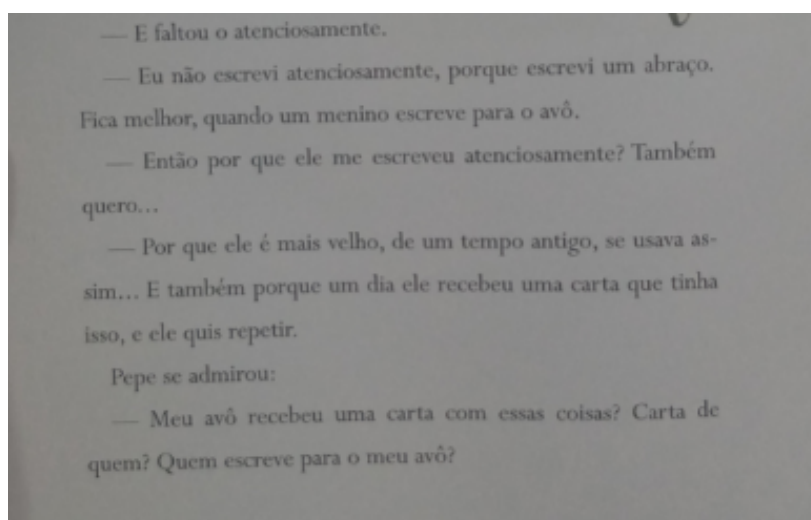


Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.18

Nesse momento, Pepe já começa a ser introduzido no aprendizado da escrita e, como era se seu interesse continuar escrevendo cartas para seu avô, logo pensou que, se aprendesse o que a professora lhe propôs, podia melhorar e até mesmo escrever o nome "Vovô" na carta, coisa que ele não sabia fazer antes de ir para a escola. Aqui podemos pensar que vai ser a partir da escrita que o sujeito vai se sentir pertencente à história que ele está contando. No caso de Pepe, a possibilidade de ele saber escrever o nome do avô já lhe despertou um interesse de ficar mais tempo na escola.

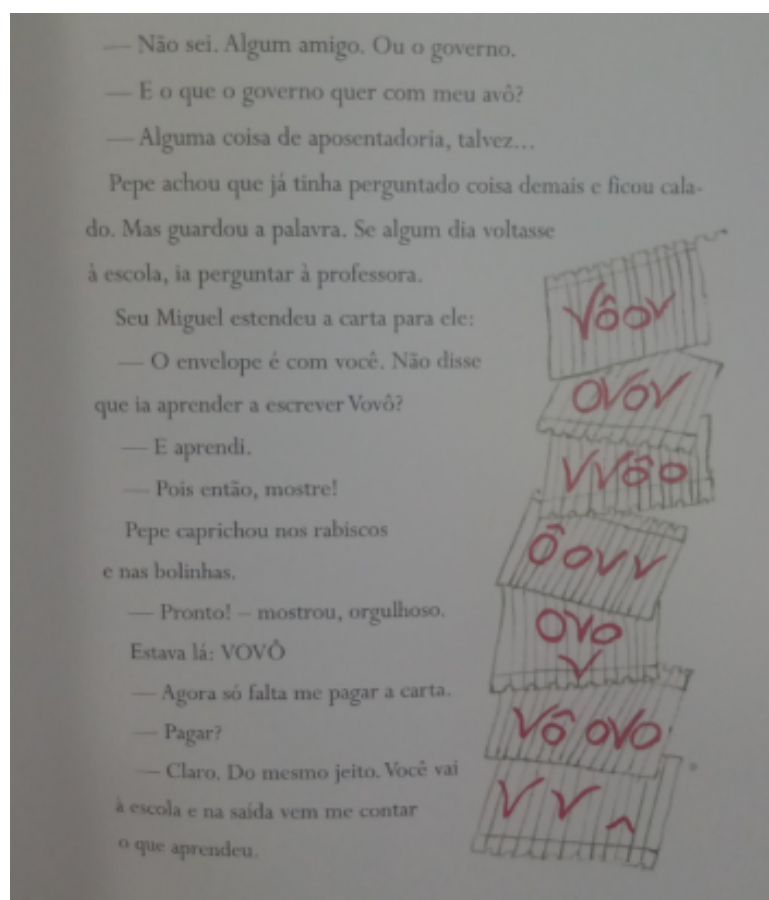
Mais adiante, à medida que vai trocando cartas com seu avô, Pepe vai descobrindo novas palavras e, quando fica sabendo que seu avô, ao término de uma carta, escolheu utilizar o termo "atenciosamente", ficou curioso para saber de onde ele surgiu, como podemos ver nos trechos abaixo:

**Figura 3** — Trecho do livro em que Pepe percebe que seu avô utilizou uma palavra diferente e fica curioso pra saber de onde veio essa palavra



Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.20

**Figura 4** – Trecho do livro em que Seu Miguel explica ao menino de quem o avô pode ter recebido a carta



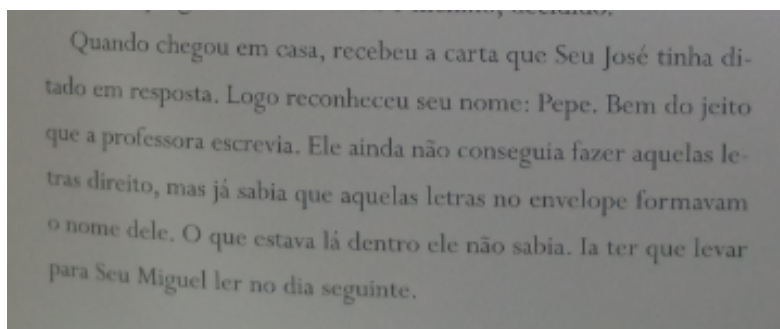
Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.21

Aqui, podemos observar duas coisas: primeiro, que o menino descobre que talvez o governo tenha mandado uma carta para seu avô e começa a ficar curioso sobre o que se trata e decide perguntar à professora em uma outra aula. Isso mostra que ele está começando a perceber que a escola é também esse lugar da descoberta das palavras e do mundo. Depois, que de fato o menino consegue escrever a palavra “Vovô”, como a professora havia lhe falado. Mais um incentivo para o menino não deixar de ir à escola foi descoberto!

Mais adiante, Pepe retorna para seu Miguel depois de mais um dia de escola e relata o que aprendeu, destacando que, desta vez, aprendeu a formar número e letras. Mais ainda, a professora lhe explicou o que viria a ser “aposentadoria”, conhecimento que mudaria sua relação com o avô a partir de então. Mais adiante, vamos ver que essa aposentadoria seria por idade, e que eles procuram saber todas as informações que Seu José precisa ter para comprovar que tem esse direito garantido por Lei. Aqui, já podemos adiantar que eles conseguem!

Chegando em casa, o menino pede ao avô para ver a carta que ele havia recebido e percebe que já consegue identificar as letras que formam seu nome.

**Figura 5** — Trecho em que o menino chega em casa, recebe a carta do avô e reconhece as letras de seu nome, conforme a professora havia ensinado



Quando chegou em casa, recebeu a carta que Seu José tinha ditado em resposta. Logo reconheceu seu nome: Pepe. Bem do jeito que a professora escrevia. Ele ainda não conseguia fazer aquelas letras direito, mas já sabia que aquelas letras no envelope formavam o nome dele. O que estava lá dentro ele não sabia. Ia ter que levar para Seu Miguel ler no dia seguinte.

Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.23

A partir desses trechos, podemos refletir sobre a importância da escrita na escola e na vida das pessoas. Pepe agora se sente cada vez mais interessado em aprender a ler e a escrever para ajudar o seu avô a resgatar seus direitos que, por ser analfabeto, nem sabia que existia. Para Koch e Elias (2008), a escrita é uma forma de interação que permite que os indivíduos se comuniquem com os outros e construam significados em conjunto. Elas argumentam que a escrita é uma forma de interação mediada pelo texto, que favorece aos indivíduos expressarem suas ideias e opiniões de forma mais organizada e coerente.

As autoras destacam que a escrita não é um processo isolado, mas um processo social e interativo que envolve a participação de outros sujeitos, como o leitor e o revisor. Elas argumentam que a interação entre os sujeitos envolvidos no processo de escrita é fundamental para a construção do sentido do texto, pois é por meio das interações que se estabelecem as negociações de sentido.

Pensando nisso, podemos observar todo esse processo na relação que vai sendo construída entre o escrevedor e Pepe, que cada dia mais vai aprendendo que saber escrever pode fazer com que ele ajude muita gente, inclusive seu avô, que fica muito feliz em saber que o menino está aprendendo e lhe escreve uma carta agradecendo e torcendo para que Pepe continue se desenvolvendo para que, mais adiante, ajude-o a aprender também.

Podemos chamar atenção aqui também para esse processo de aquisição da leitura e da escrita que Seu Miguel vem fazendo com Pepe como um processo de letramento. Ele vai usando o recurso de redigir uma carta e de que o pagamento desse trabalho é a ida do menino à escola como um processo pelo qual Pepe deve passar para aprender a ler e a escrever e

compreender que as práticas de leitura e escrita são práticas sociais. Uma vez aprendendo a escrever e ajudando seu avô, através da escrita, no processo de aposentadoria, Pepe entende processualmente, que a leitura e a escrita são práticas que são usadas para alcançarmos objetivos sociais.

Magda Soares, em sua obra “Letramento: um tema de três gêneros”, publicada em 1988, na qual discute o conceito de letramento, destaca a reforça o seu cunho social:

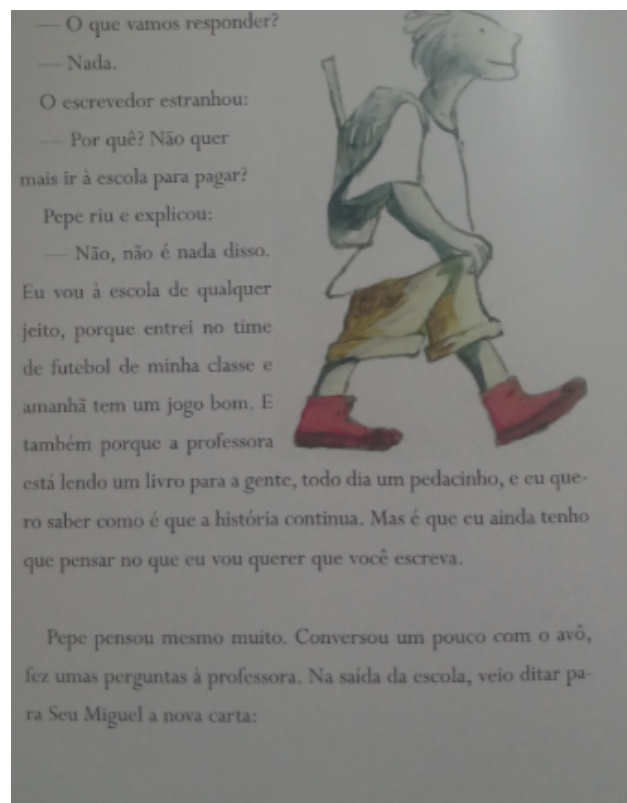
Letramento não é apenas um conjunto de habilidades técnicas, mas sim um conjunto de práticas sociais que usam a leitura e a escrita como ferramentas, e que são aprendidas e ensinadas em contextos específicos e concretos, nos quais estão em jogo objetivos sociais, culturais e culturais (SOARES, 1998).

Para Magda Soares, o letramento é um processo socialmente construído e historicamente situado, que o aluno é capaz de desenvolver ao longo da vida em diferentes espaços de convivência, como a família, a escola, o trabalho, a mídia e a internet. Além disso, a autora destaca a importância do letramento crítico, que capacita o indivíduo a compreender e analisar criticamente a informação veiculada por diferentes mídias, questionando e interpretando de forma autônoma e reflexiva o mundo à sua volta.

Assim, Magda Soares defende que o letramento deve ser encarado como um processo dinâmico e complexo, que envolve não apenas habilidades técnicas de leitura e escrita, mas também habilidades socioculturais e críticas, que permitem ao indivíduo participar ativamente da vida em sociedade, praticar sua cidadania e construir seu próprio conhecimento.

Considerando as ideias de letramento, vemos que, depois de Seu José escrever uma carta bastante esperançoso e feliz pelo fato de o neto está aprendendo a ler e a escrever, ele leva até Seu Miguel, que lê a carta para o menino Pepe e pergunta:

**Figura 6** — Trecho em que Pepe diz o porque que quer continuar na escola



Fonte: Livro “De carta em carta”, de Ana Maria Machado, Editora Salamandra, ano 2002, p.26

Nesse trecho, como podemos ver, além do dever cumprido de Seu Miguel de fazer com que o menino de fato se interessasse pela escola, outros pontos são importantes e merecem algumas reflexões.

Pepe começa a perceber o verdadeiro valor da escola e que lá pode haver, sim, coisas interessantes a serem feitas. Ele vai tomando noção de que ali é um espaço do qual ele também pode fazer parte e até mesmo ocupar lugares que jamais esperava, como o de se tornar jogador do time de futebol.

Outro ponto importante é como a professora estimula os alunos para que eles venham diariamente à escola. Ela vê que, para tornar a frequência mais assídua e, melhor, para instigar o interesse dos alunos em virem novamente à classe, conta um pedacinho da história todos os dias. Assim, eles vão ficando curiosos e vão à aula para saber o fim como a história termina. Essa estratégia de ensino da professora também favorece o letramento, pois ela encontrou, através da leitura e da escrita, uma maneira de seu aluno se sentir pertencente à aula, ao seu processo de ensino-aprendizagem, e é assim que temos que pensar quando estamos falando de escola, de aulas, de leitura e de escrita.

O livro vai se encerrando com Seu Miguel escrevendo uma carta para o Governo, ditada por Pepe, contando o porque que seu José precisa ganhar a aposentadoria e assim, o pedido é atendido. Dias depois, o Governo responde pedindo para que Seu José se dirija até um posto do Governo, portando os documentos e as cartas recebidas até o momento para, assim, conseguir receber o dinheiro correspondente ao seu benefício. Pepe pensou em ir junto, mas não quis faltar à aula nesse dia. Pepe também conseguiu ajudar mais dois amigos do seu avô a conseguir receber a aposentadoria e, a essa altura, já tinha aprendido a ler e a escrever e ele mesmo deu entrada nos documentos.

Como vemos, essa obra é importantíssima para ser trabalhada em sala de aula como paradidático. Como já discutimos em momentos anteriores, o livro paradidático pode ter essa função de trazer histórias, em sua maioria no âmbito mais literário, que levem o aluno a refletir sobre ações que acontecem ao seu redor, trazendo uma inquietação que vai impulsionar esse sujeito a tomar atitudes a partir da leitura de tal obra.

No livro, Pepe é exposto a várias situações que o levam a dar valor a seu processo de letramento, começando a perceber que é por ele e só por ele que irá conseguir ajudar seu avô. Tomando consciência disso, ele consegue perceber que pode ajudar muito mais pessoas pelo fato de ter aprendido a ler e a escrever, e é aí que vemos, na prática, o verdadeiro significado de uma leitura de cunho social, político e emancipatório.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inicialmente, estudar o conceito de leitura para o pesquisador não é fácil. Pensar para além da mesmice das ideias, sair de uma caixinha em que colocamos a leitura como código e assumi-la como, de fato, algo emancipatório, requer um trabalho árduo e responsável. Nessa pesquisa, cuidamos para que cada discussão tivesse sua relevância e mostrasse sempre que a leitura é a maior ferramenta de emancipação do sujeito.

Neste estudo, analisamos como devemos sempre observar o que está nas entrelinhas dos textos, indo além dos códigos e signos e transpondo os mundos apresentados, entendendo o papel social e ativo que a leitura tem, tanto em sala de aula quando em nosso cotidiano, bem como a importância de se criar uma sala de aula cada vez mais responsável e emancipatória para nossos alunos.

É preciso também entender que esse conceito de aluno emancipado está pautado no fato de o aluno ser sujeito ativo de seu próprio processo de ensino-aprendizagem, entendendo que tudo que ele aprender dentro e fora sala de aula vai contribuir diretamente na construção de conhecimentos.

Nesse contexto, entendemos que a leitura enquanto interação autor-texto-leitor é a chave dessa pesquisa. Com base nas ideias de estudiosos, como Koch e Elias (2006), entendemos que a língua é concebida como interação, que os sujeitos são atores e construtores sociais dentro do texto e assim como deve ser na escola, em seu cotidiano, em tudo que o cerca.

Os livros usados na escola vão ser sempre o principal foco quando se trata de leitura. Mas é importante dizer que não é só o livro literário que vai ser responsável pelo desenvolvimento cultural, social e político do aluno: tanto o livro didático quanto o paradidático devem procurar sempre cumprir esse papel e andar em consonância para uma formação plena do sujeito.

Nesse contexto, a pesquisa destaca a importância do livro paradidático na prática da sala de aula, mostrando como as histórias contidas neles podem contribuir diretamente para uma mudança na visão de mundo dos sujeitos. Assim, analisamos o livro “De carta em carta”, da autora Ana Maria Machado, e pudemos ver claramente ver como esse livro dialoga com a ideia de leitura como emancipação e nos ajuda a formar bons leitores, comprometidos com causas sociais, como a de Pepe, que, com a ajuda de Seu Miguel consegue garantir o direito do seu avô à aposentadoria.

Seu Miguel foi a ponte para Pepe, até então analfabeto, compreender o valor da leitura e, principalmente, de reconhecer como, através dela, podemos ter acesso a direitos que, muitas vezes, são negados apenas por não sabermos o que está escrito em uma carta, por exemplo. A professora de Pepe também é uma grande, senão a maior, aliada do menino na sala de aula. Ela propôs um método de todo dia ler um pedacinho de uma história para atrair os alunos a virem regularmente para a escola, diminuindo a evasão escolar, que é presente não só na ficção, mas em nossas realidades também.

A partir dessas novas formas de enxergar os recursos paradidáticos, pode-se perceber a importância deles em sala de aula. Esses recursos não só acrescentam conteúdo, mas também favorecem a criticidade e instigam o pensamento lúdico dos alunos, assim como contribuem de forma direta para a sua formação. É preciso trabalhar com novas ferramentas (ou de nova forma com ferramentas já conhecidas), diversificar as metodologias e disseminar práticas pedagógicas favoráveis ao crescimento do aluno enquanto sujeito ativo na sociedade. Esperamos que este estudo dê origem a novas pesquisas que considerem isso.

E devemos lembrar sempre do dever do Estado, da família e da sociedade de prover a educação às crianças, educação essa libertadora e emancipatória, que permita que os sujeitos pensem, questionem seus atos e questionem o mundo que os cerca. Precisamos promover a educação crítica que, também através dos livros, transcende as suas páginas dos livros e muda realidades, a educação de fato libertadora e comprometida com todos ao redor.

## 7. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny; VIANA, Vivina de Assis. **De volta às escrituras**. Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Dimensão, n. 3, 1995.

ALVES, M.C.C.L. **A leitura colaborativa-crítica: A leitura como ato social e político**. Revista da FAEEBA, Salvador, v.1, n.1 p.143-150, jan./jun. , 1992.

AMBROSINI, Tiago Felipe. **Educação e emancipação humana: uma fundamentação filosófica**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.47, p.378-391 Set.2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL. Resumos 3º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas, SP: FE/Unicamp. 1981. p. 3-6. Disponível em: [https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/3\\_\\_cole\\_-\\_resumos](https://issuu.com/pesquisaalbmemoias/docs/3__cole_-_resumos).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.  
FREIRE, Paulo. **O ato de ler**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.



\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GERALDI, J. W. **O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular.** In: Retratos da Escola, v. 9, n.17, p. 381-396, 2015.

LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. **A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor.** Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 2, p. 43-52, aug. 2012. ISSN 2316-3852. Disponível em: <[http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/81](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81)>. Acesso em: 10 apr. 2023. doi: <https://doi.org/10.22287/ag.v0i2.81>.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, Ática, 1994.

MACHADO, A.M. **De carta em carta.** São Paulo, p. 11-26, Salamandra, 2002.

MEC. **Livro didático e qualidade de ensino.** Em aberto. Brasília, 1996.

NOGUEIRA, Elaine Luiza Kõb. **Material paradidático em educação ambiental para o 6.º ano do ensino fundamental. 2015.** 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2015.

OLIVEIRA, Avelino; OLIVEIRA, Juliana Damasceno. **Educação na Crise da Racionalidade: Reflexões a partir de Horkheimer e Freire.** In: Revista Eletrônica “Fórum Paulo Freire” Ano 1, nº 1, Julho/2005.

OLIVEIRA, N. A. PROENÇA, K. A. P. **Emancipação: uma perspectiva freireana no GT-17 no período de 2001 a 2007.** Expressa Extensão, Pelotas, v. 21, n. 1, p. 88-102, 2016.

Revista da FAEEBA / Universidade do Estado da Bahia, **Departamento de Educação I** – v. 1, n. 1 (jan./jun., 1992) -Salvador: UNEB, 1992.

SANTOS, Tatiane Campos dos. **Relações entre território e educação na comunidade quilombola.** 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SILVA, W. R. KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. 2006. **Ler e compreender os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-327-4. 216 P. Revista da ABRALIN, [S. 1.], v. 6, n. 2, 2017. Disponível em <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/974>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SOARES, M. **Letramento: tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

TORRES, Lília. **O livro paradidático como ferramenta para o ensino da educação ambiental.** 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2013.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.